



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

HOMOSSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR¹

Vanessa dos Santos²

RESUMO: As expectativas deste estudo surgiram a partir de minha experiência em sala, com alunos do 1º ano do ensino médio matutino do colégio escolhido no estágio I, contundo, observações feitas no estágio II, e no estágio III também ajudaram na escolha do tema, visto que, em todas as instituições que permaneci em observação ou regência encontrei pessoas que se identificavam como homossexuais. Os temas de minhas regências no estágio III também foram de grande importância, visto que, tratava das Instituições familiares, e pude na terceira regência discutir uniões homoafetivas. Foram realizadas pesquisas qualitativas e quantitativas com os alunos da do estágio III, citados anteriormente, os totais de indivíduos pesquisados foram de 26, sendo 10 meninos e 16 meninas, com idade entre 14 e 18 anos, que cursam o 1º ano do ensino médio. O artigo faz uma análise a respeito da perspectiva do aluno heterossexual a respeito do aluno homossexual, fazendo todo um apanhado sobre como se define a sexualidade, a homossexualidade e a homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade, Sexualidade, Homofobia, Escola, Alunos.

¹ Artigo apresentado no V Seminário de Estágio do Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, no dia 23 de novembro de 2012, no CCH/UEL. Orientadora: Prof. Dr. César Augusto de Carvalho

² Graduada do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Contato: van.vds@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo proponho estudar a homossexualidade no ambiente escolar dando ênfase na questão de qual a percepção dos alunos heterossexuais a respeito dos alunos homossexuais.

Em uma visão geral, sexualidade é definida como um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias, e experiências relacionadas ao ato sexual construído ao longo da vida dos indivíduos. Este se encontra recoberto por valores morais, que são determinados por comportamentos e costumes sociais que dizem respeito ao coletivo (NUNES, 2005).

De acordo com padrões sociais, todo indivíduo ao nascer é macho ou fêmea, a sociedade que os molda como homem ou mulher. “O ser humano nascido fêmea terá que percorrer um caminho para se tornar mulher” (VIVIANI, 1996) assim como podemos remeter essa mesma teoria ao macho que irá trilhar seu caminho para se tornar homem. Portanto, com estes conceitos acabamos a sociedade recrimina tudo que não se encaixe dentro destes moldes. Mas, como poderemos situar o indivíduo que mesmo nascendo macho possui uma orientação feminina, ou então, ao nascer fêmea adota um comportamento masculino? Teremos assim um grupo denominado homossexuais, que saem dos moldes orientados pela cultura que vivemos, e adentram outra perspectiva que causa espanto e preconceito.

Para Luiz Roberto Mott (2003), Homossexualidade significa “sexo igual” podendo ser aplicado tanto para homem que se relaciona com homem, quanto para a mulher que se relaciona com mulher. O termo homossexual foi criado em 1869 pelo jornalista húngaro Benkert, e esta expressão foi bem aceita entre os indivíduos participantes do grupo. Existem muitos outros termos como “gay” que significa “alegre”, “invertido” e “bicha”, contudo, são considerados como pejorativos por indivíduos do grupo.

Ainda hoje alguns indivíduos taxam a homossexualidade como uma doença mental, porém, em 1985 o Conselho Federal de Medicina retirou a

homossexualidade da lista dos desvios sexuais, e em 1999 o Conselho Nacional de Psicologia confirmou a normalidade da orientação homossexual. (MOTT, 2003) Esta intolerância ao indivíduo que demonstra comportamento homossexual é denominada como homofobia, ou seja, aversão doentia contra a homossexualidade.

Na maioria das vezes o preconceito vem exatamente de um conceito mal formulado na mente dos indivíduos, sendo apenas reproduções de idéias que os acompanham desde o nascimento, prova dessa reprodução, são piadas preconceituosas a respeito de homossexuais que atravessam gerações e somente tem sentido para aqueles que estão condicionados por um pensamento alienado.

A homofobia persiste porque na maior parte das vezes os indivíduos não conhecem a respeito de sexualidade, onde já ficou provado que o homossexualismo não se trata de uma opção sexual e sim uma orientação sexual, ou seja, ninguém decide ser homossexual, mas, já “nasce assim”.

No âmbito escolar, Para Bourdieu (2002) a escola não apenas transmite e constrói conhecimento, mas também reproduz padrões sociais, perpetuando valores e “fabricando sujeitos”.

A sexologia na escola é sempre ensinada de forma “padrão” colocando como natural os opostos se relacionarem, ou seja, a mulher e o homem, reproduzindo comportamentos ditos “normais”, tudo que passa dessa “verdade” induzida, a escola faz “vistas grossas”, e diz que não está dentro do cronograma de aprendizagem dos alunos.

O século XXI deu abertura para novos tipos de relacionamentos expostos, levando em consideração que já existiam antes, porém não eram regulamentados em lei, um bom exemplo, são as uniões homoafetivas que vem tomando espaço na sociedade. As escolas precisam se adequar a estas questões dando subsídio ao aluno para que possa pensar o mundo contemporâneo. Somente assim, a homofobia futuramente poderá ser olhada por todos como algo repugnante.

A perspectiva que os alunos heterossexuais têm a respeito dos alunos homossexuais pode ser muito diversificada, dependendo de influencias como

família, religião e a sociedade em geral. É de extrema importância verificar nos tempos atuais esta relação entre alunos ditos “heteros” e os “homos”, pois só assim poderemos identificar em que patamar se encontra o preconceito dentro das escolas, podendo criar formas para à principio minimizar um suposto preconceito existente no ambiente escolar, e futuramente, para se não uma total aceitação, pelo menos uma generalização do respeito para com o próximo.

SEXUALIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR

Sexualidade pode ser entendida como uma construção, que envolve um processo contínuo de aprendizagem e reflexão, uma elaboração de nós mesmos, ao contrário do que dizem, a sexualidade esta longe de ser somente uma questão de extinto imposta pela natureza. (CADERNO DE ATIVIDADES, 2009).

As condições biológicas não podem produzir sozinhas comportamentos sexuais, nem a identidade de gênero ou a orientação sexual, pois tudo depende também das relações socioculturais a que os sujeitos estão submetidos. (CADERNO DE ATIVIDADES, 2009)

Segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), formulado pelo MEC o conceito de gênero é:

[...] diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se os de desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social (PCNs, 2000, p. 321-322).

A partir desses conceitos poderemos descartar a idéia de que a sexualidade é algo que somente a natureza é responsável, quando na realidade, é uma

característica que dependem de muitos fatores, inclusive do meio onde o indivíduo vive. Assim, é a cultura que constrói o gênero simbolizando as atividades como masculino e feminino.

Segundo ao “Livro de Atividades”, desenvolvido por professores selecionados pela equipe governamental, publicado em 2009, a orientação sexual é composta por três dimensões: desejo, comportamento e identidade, sendo que, algumas vezes esses aspectos caminham em direções diferentes. Nem sempre o que se deseja, condiz com o comportamento produzido pelo sujeito diante da sociedade e ainda pode se diferenciar da identidade. Muitas vezes, o desejo do indivíduo é um, mas é obrigado a aparentar para a sociedade outra coisa, e por fim sua identidade se remete a outro aspecto.

Assim, quando nos referimos à identidade sexual, se remete a duas coisas: 1. Ao modo como o indivíduo se percebe em termos de orientação sexual. 2. “Ao modo como ela torna pública (ou não) esta percepção em si em determinados ambiente e situações. (CADERNO DE ATIVIDADES, 2009).

De acordo com Montserrat Moreno a escola tem como missão aproximar os indivíduos do pensamento científico, dando-lhe conhecimento e desenvolvendo sua inteligência, e costuma cumprir este ato com certa rigidez dogmática. “Esta atitude apóia-se em uma série de concepções errôneas a respeito do que é a ciência e do que é a inteligência” (MORENO, 2003).

O sexo é tratado com algo distante do aluno, o aparelho sexual é mostrado, ainda nos dias atuais, como “máquina de reprodução”, tendo o sexo a finalidade da procriação. O sexo como prazer é raramente comentado, a escola se esquiva dessa obrigação por temer uma má influência para o aluno.

Segundo Michel Foucault, o sexo viveu no o século XVIII uma fase de repressão sexual, tendo apenas funções reprodutivas, já a partir do século XIX foi a idade da multiplicação, “[...] uma dispersão da sexualidade, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das ‘perversões’” (FOUCAULT, 2010).

Sem dúvida, as percepções a respeito do sexo, já não esta presa apenas a noções de reprodução, principalmente por volta de 1950 com a invenção da pílula anticoncepcional, houve grandes mutações, o sexo então perde algumas amarras que o remetia ao “pecado” e a procriação, e se torna sinônimo de prazer. Porém, ainda hoje notamos algumas ligações de sexo antes do casamento ao pecado, principalmente em algumas instituições religiosas, e esses conceitos quando adentram o ambiente escolar acabam prejudicando um sistema de ensino que poderia tratar do assunto com muito mais “naturalidade”.

Se prendem apenas ao “sexo biológico-reprodutivo, que congrega homens, animais, plantas, todos os seres vivos” (NUNES, 2005) o aluno acaba aprendendo os mecanismos de sua sexualidade biológica conhece sobre os aparelhos reprodutores masculinos e femininos e as diversas formas de reprodução, e assim não passa de um conhecimento teórico que se compara a reprodução das plantas e animais. Os alunos são capazes de responder longas questões em uma prova a respeito do aparelho reprodutivo, mas ficam constrangidos em conversar sobre sexo, principalmente com pessoas mais velhas.

A necessidade em conseguir assimilar melhor a respeito da sexualidade, esta exatamente, em compreender um grupo de pessoas que cada vez mais se posicionam de forma positiva dentro da sociedade: os chamados homossexuais, que vem conseguindo impor seu espaço, lutando por direitos, e mostrando que são “normais”. A escola sempre proporciona aos alunos uma educação sexual voltado aos heterossexuais, e esquecem-se deste grupo que sempre existiu, porém por muitos anos ficou escondido, com medo de “falsos” valores morais que condenavam os adeptos, quando não como doentes mentais, taxavam como criminosos e se m vergonhas, como se a orientação sexual, fosse algo que o sujeito pudesse alterar ao seu bel prazer.

A HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA

Homossexualidade, de acordo com Mario Cordeiro, é a atração sexual, emocional e afetiva de pessoas de um sexo por pessoas do mesmo sexo. Assim como ocorre com o heterossexual, onde existem homens ditos “machões” e os homens “mais delicados”, atualmente chamados de “metrossexuais” que são homens que cuidam melhor da parte física do corpo, adotando muitas vezes costumes que são taxados pela sociedade como pertencentes a mulheres, como tirar sobrancelha, usar cremes hidratantes ou depilar algumas áreas do corpo, no universo homossexual podemos identificar diversidade nos comportamentos.

Segundo Luiz Mott (2003), ser “gay” não é exatamente ser afeminado, e nem lésbica tem que ser necessariamente uma “machona”, a aparência externa nem sempre traduz as intenções do indivíduo. Podemos definir três grandes grupos de homossexuais do sexo masculino: “gays, transgêneros e bofes” (MOTT, 2003). Esta definição dada pelo autor, é um tanto informal, contudo são definições não científicas aceitas pelo grupo em questão.

No grupo dos “gays” existem subgrupos: “enrustidos” que são indivíduos que não assumiram sua orientação perante a sociedade, “bichas fechativas” que assumiram sua posição diante da sociedade; dentre os “assumidos” temos os “assumidos ativistas” ou “militantes” que defendem seus direitos e o direito do grupo através de reivindicações e protestos. (MOTT, 2003).

O grupo “transgêneros” inclui todos os indivíduos que assumem o papel do gênero oposto, como por exemplo, o indivíduo do sexo masculino assumir-se enquanto mulher, vestindo-se como tal, em certos casos colocando silicone, e adotando características taxadas como femininas para a sociedade. Os também chamados “travestis”, em certos casos, fazem shows em casas noturnas, ou dedicam-se a profissões que remetem ao “universo feminino”, contudo, não negam seu órgão genital, o pênis ou a vagina são motivo de orgulho, e até mesmo, no caso do sexo masculino, desempenham papel ativo na relação. (MOTT, 2003). Enquanto

“transexuais” são indivíduos que fez ou deseja fazer a cirurgia para a mudança de sexo, pois sente-se como estivesse no “corpo errado”

O terceiro grupo, são os praticantes do “homoerostismo”, ou seja os “bofes” que se declaram homens, mas que no entanto praticam sexo com os “gays” e “trangêneros”, mas que não assumem a identidade homossexual, nem para si mesmo. Grande parte dos “bofes” são bissexuais. (MOTT, 2003).

A respeito das lésbicas, homossexuais do sexo feminino, são denominadas entre elas de “sandalinhas”, “ladys”, “sapatas”, “entendidas” e “sapatões”, algumas se intitulam como “gay”, outras como “homossexual” enquanto outras não se colocam em nenhuma destas definições, colocando-se apenas como gostando do mesmo sexo. (MOTT, 2003).

Quando os alunos foram questionados sobre o que entendiam por “homossexualidade” as respostas foram bastante homogêneas “é homem que gosta de homem” (C, 16 anos), “exemplo: uma mulher que gosta da outra, ou um homem que gosta do outro” (H, 17 anos) “pessoas do mesmo sexo que namoram” (K, 16 anos), podemos verificar que os alunos entendem homossexualidade como: pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo, e isso engloba todas as definições colocadas acima por Mott (2003), mesmo aqueles indivíduos que apenas transam com homossexuais, mas namoram com o sexo oposto e se declaram heterossexuais, segundo os alunos, essa ultima informação foi arrecadada através de conversas informais, e não através do questionário.

De acordo com Mott (2003), no Brasil existem cerca de 18 milhões de casais homossexuais, e esse numero vez crescendo dia após dia. Ainda assim, encontramos preconceito arraigado nas estruturas das sociedades, talvez, um preconceito ainda mais perigoso do que aquele revelado a todos, um preconceito, disfarçado, escondido que se encontra mesclado à moralidade, onde os indivíduos dizem que não são contra homossexuais, desde que não façam parte da sua família, todos já ouvimos comentários como: “prefiro um filho ladrão a homossexual” (MOTT, 2006). E este tipo de preconceito acaba sendo o mais difícil de combater, porque declaradamente, ninguém é preconceituoso, claro que existe alguns casos, onde o

indivíduo coloca abertamente seu preconceito, mas estas situações são cada vez menos comuns graças aos direitos legais que esse grupo vem conseguindo, colocando a discriminação contra homossexuais no rol de crimes puníveis pela lei.

De acordo com Borrilo (2001), homofobia é uma repulsa contra o indivíduo que possui desejo sexual por outro do mesmo sexo. Assim, qualquer forma de discriminação contra homossexuais, ainda que embutida em conceitos moralistas, podem e devem ser tratada como homofobia.

Uma das alusões que a sociedade normalmente faz a homossexualidade é tratá-la como doença, como se fosse algo que após tratamento tivesse reversão, e transmissível ao simples convívio.

O conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade dos desvios sexuais a partir de 1985 e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia confirmou a normalidade da orientação sexual. (MOTT, 2003). Assim, a homossexualidade pode ser denominada como algo natural que se remete à espécie humana, sem nenhuma ligação a nenhum tipo de doença.

A partir de 15 de dezembro de 1973 a homossexualidade foi retirada da lista oficial de doenças psiquiátricas (MULLER, 2000), e foi considerada assim, como algo natural, e independente da opção do indivíduo, mas ainda hoje algumas pessoas colocam o homossexual ao patamar de doente que necessita de tratamento.

Muitas pessoas pensam que a homossexualidade é uma opção, mas segundo Mary, é uma questão de sentimento, “[...], pois a pessoa sente desejo, e muitas vezes apaixonam-se por alguém do mesmo sexo, independente da sua vontade [...]” (FIGUEIRÓ, 2007), pode-se dizer que é uma orientação sexual, que segue instintos, da mesma forma como o desejo de alguns indivíduos pelo sexo oposto.

Encontramos na noção de habitus de Pierre Bourdieu, de acordo com Maria da Graça Jacintho Setton (2002) uma questão de conceitos enraizados no indivíduo desde a infância, onde mesmo antes de nascer, no útero materno, de acordo com

Roberto Wusthof (1994), a mãe fica sabendo do sexo do filho e começa a comprar roupas “condizentes” com menina, o rosa, e menino o azul.

Após o nascimento vem os brinquedos destinados para cada sexo, os enfeites de cabelo, o boné, e tantos outros acessórios que deixam bem claro qual a posição de cada um na sociedade. As meninas com suas bonecas, frágeis, carinhosas, amorosas, podem até mesmo andar de braços dados com a amiga, e dar beijos na bochecha, no entanto, se um menino possui essas práticas com um amigo comumente é advertido por seu responsável, e ganha olhares “atravessados” dos que o rodeiam.

Quando os alunos foram questionados “Você concordaria com um namoro homossexual na escola?” 16 pessoas concordaram, contra 11 que discordaram, dos que discordaram foram 7 meninos e 4 meninas, quando questionados porque discordavam as respostas eram diversas: “é nojento” (L, 17 anos) , “É muito estranho, pelo menos na escola não, porque todo mundo critica” (G, 14 anos) “Porque é feio né” (C, 17 anos), “Porque é ridículo” (B, 17 anos) “de modo geral, eles discordam ou por ser algo que lhes parece estranho, ou relatam que o casal sofreria muito preconceito. “Eles iria sofrer preconceito e seria difícil para eles” (W, 15 anos), mostrando a princípio uma preocupação com o próximo, onde na verdade notamos um preconceito já enraizado na opinião de cada um.

Quando a pergunta foi “Você seria o melhor amigo de uma pessoa homossexual?” 16 alunos responderam que sim, enquanto 10 responderam que não, dos que responderam que não 8 eram meninos, podemos então concluir que existe uma correlação entre o machismo e preconceito homossexual, Roberto Wusthof (1994), vem nos mostrando esse machismo que é impregnado no indivíduo macho após seu nascimento, como falas como “homem não chora”, “isso é coisa de homem”, “eu posso porque sou homem”, assim, na visão masculina existe uma dificuldade muito maior em aceitar um homem afeminado, ou uma mulher masculinizada, ainda que para a mulher também existam barreiras para ultrapassar esta consegue manter uma relação de amizade mais amistosa com o homossexual na maioria das vezes.

Quando questionados se teriam tem amigos homossexuais, apenas 4 meninos responderam que não tem e nem teriam, 4 responderam que não tem mais teriam, enquanto apenas 3 tem amigos homossexuais, por outro lado todas as meninas tem/ teriam amigos homossexuais.

De fato, para o indivíduo homem é muito mais difícil conviver com um homossexual, pois de acordo com as regras morais existe um ditado que diz “me diga com quem andas que te direi quem és”, assim o medo de ser comparado a um “gay” cria uma barreira entre o heterossexual e o homossexual, levando em consideração as cobranças de virilidade que o homem sofre desde criança. No caso da mulher, por ser considerada o sexo frágil, as críticas em ter um amigo “homo” masculino são bem menores, apesar de que quando se tem como amiga uma “lésbica” a situação muda um pouco, pois entra em jogo um suposto interesse afetivo, contudo, as recriminações recaem com mais fervor em cima do homem.

A homofobia para com os homossexuais esta muito ligada também ao pecado, “Jesus Cristo, nunca falou uma palavra contra gays e lésbicas, garantindo que as prostitutas e pecadores serão os primeiros a entrar no reino dos céus” (MOTT, 2003) A bíblia possui várias interpretações, e entre os homossexuais religiosos, muitas justificativas são encontradas para tal orientação, dizem que a proposta de Deus é que o ser humano seja feliz, e que pecado é somente aquilo que prejudica os outros ou a si mesmo, e que ser homossexual não se encaixa nestas características, por esta vertente, o homossexualismo não seria “coisa do demônio” como aludem certo religiosos, mas sim algo totalmente aceito por Deus, e no ultimo caso, um pecado que já foi perdoado.

Temos no Brasil o crescimento de seitas que tentam “curar” os homossexuais, afirmando que a atração sexual pelo mesmo sexo é uma “perversão demoníaca”. Na verdade, os dogmas estão sempre a serviço da manutenção da sociedade, colocando um padrão de sexualidade que sabemos não existir. (MOTT, 1995) Romper com tabus exigiria grande transformação que atravessa a subjetividade, passando pela construção social de novas formas de relação homem/mulher e também por uma visão diferente do que é sexualidade.

De fato, ao vermos pessoas do mesmo sexo se beijando na rua, algo nos chama atenção, como relata “A” 16 anos, quando questionada sobre o que achava de pessoas homossexuais: “a é estranho”, ainda que não exista um olhar de reprovação para aquela cena, as raízes da nossa primeira educação vêm a tona, e nosso “cérebro” entende como algo “diferente”; A única maneira de condicionar nosso intelecto para uma normalização do ato, seria fazer desta experiência uma rotina, para que o olhar de estranhamento possa ir se diluindo.

Nossas raízes começam na primeira infância, onde tudo que aprendemos fica fortemente gravado, normalmente quando estamos nesse estágio é que os pais privam os filhos de algumas cenas que podem vir a influenciá-los, e o “beijo homossexual” esta entre estas reprovações, justificando que se a criança assistir ao beijo poderá reproduzir a cena futuramente, contudo se assim fosse, casais heterossexuais, não possuiriam filhos homossexuais. E a partir daí vemos opiniões como: “homossexualidade é nojento” (C, 17 anos) que acabam se proliferando na sociedade e em especial no ambiente escolar.

No questionário aplicado em sala de aula, também houve alunos que apoiavam as diversidades sexuais, não expressando em suas respostas qualquer indicio de preconceito. Quando questionados qual era a opinião sobre os homossexuais algumas resposta favoráveis foram: “São pessoas normais, só precisam de orientação e amigos, para não se sentirem excluídos e desprezados.” (X, 15 anos), “Se eles querem ser assim deixe eles, problema deles, são normais como nós.” (O, 14 anos) “Elas decidem por elas mesmo, pois ninguém tem haver com a vida deles.” (N, 15 anos), frisando que respostas totalmente favoráveis a este grupo partiram apenas de meninas, os meninos quando não se colocaram contra, colocaram respostas como: “Eu não ligo de eles por perto, mais se começa com ‘viadagem’ perto de mim aí não” (Q, 14 anos), e o mesmo menino quando questionado se concordaria com o namoro homossexual na escola, responde que “não” e justifica “porque é ridículo”, outra resposta também de um menino “Eles vivem a vida dele e eu vivo a minha vida” (R, 15 anos), nota-se nas respostas certa subjetividade, ou seja, eles “aceitam” a homossexualidade, mas desde que bem longe deles, é um tipo de homofobia camuflada, muito difícil de combater, onde o

indivíduo pode não ofender com palavras diretamente o homossexual, mas ofende indiretamente através de atitudes e desprezo.

Muito se questiona a “causa” da homossexualidade, porém, não se tem nenhuma explicação plausível ainda pra esta orientação, por razões biológicas, genéticas, psicológicas e sociais, todas as respostas já encontradas até hoje não podem ser consideradas como verdades absolutas. Assim, “as causas da homossexualidade, são as mesmas da heterossexualidade, já que entre os humanos não é o extinto que determina a atração sexual, mas a preferência individual” (MOTT, 2003).

Apesar de existirem muitos indivíduos que se colocam contra os homossexuais, hoje no Brasil já há um programa chamado “Brasil sem homofobia” lançado em 2004 que foi criado para a não discriminação por orientação sexual de GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais), tendo como objetivo apoiar:

“Projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia;” “Capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos;” “Disseminação de informações sobre direitos, de promoção da auto-estima homossexual;” “Incentivo à denúncia de violações dos direitos humanos do segmento GLBT”. (Brasil sem Homofobia, Conselho Nacional de Combate a Discriminação, 2004, p. 8).

O programa busca estabelecer uma cultura de paz colocando o respeito para todos, apesar de pouco conhecido este já é bastante significativo pois assegura ao homossexual e simpatizante o direito de denunciar qualquer forma de abuso contra tal grupo através do “Disque Direitos Humanos” que serve para registrar denúncias, encaminhar para rede de proteção e responsabilização e informar à pessoa sobre as providencias cabíveis.

A introdução de informações como estas nas escolas seria de grande ajuda na luta contra a homofobia, discutir o assunto abertamente é a melhor maneira de erradicar com o preconceito, o “Programa Brasil sem Homofobia” (2004) poderia

proporcionar palestras aos alunos que ajudasse a entender a sexualidade e homossexualidade, somando assim com aulas desenvolvidas por professores, para que o aluno possa ampliar seu modo de pensar a sociedade contemporânea, para que haja respeito nas diferentes opções sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de dados coletados e das reflexões teóricas, este artigo teve por objetivo mostrar a convivência de indivíduos heterossexuais com indivíduos homossexuais no ambiente escolar.

Poder se-á verificar o preconceito que ainda existe contra pessoas que vão em caminhos inversos do que a sociedade coloca como padrão, nos depoimentos, alguns preconceitos muito explícitos, declarando homossexualidade como algo nojento, enquanto outros apenas se colocando totalmente alheios ao assunto, em um preconceito revestido de indiferença.

É bem verdade, que diluir as raízes nas quais a sociedade esta apoiada a tantos anos exige grandes esforços, como por exemplo a *Parada Gay* que ocorre em São Paulo todo ano, em 2012 na sua 16ª edição levou as ruas cerca de 270 mil pessoas, com o tema “*Homofobia tem cura: educação e criminalização! – Preconceito e exclusão, fora de cogitação!*”, reivindicando entre outras coisas a distribuição do kit homofobia nas escolas.

O kit gay é um suposto material composto por vídeos, boletins e cartilhas que são destinados a combater a homofobia nas escolas públicas, a distribuição do material a principio previsto para 2010 não aconteceu, até que em 25/05/2011 a presidenta Dilma Rousseff cancela a distribuição do kit nas escolas, usando como justificativa a rebelião que a bancada evangélica e católica do Congresso ameaçou fazer, caso o material fosse entregue nas escolas. Assim, os alunos ficaram sem o kit de combate a homofobia, mas também não foi criado nenhum projeto em substituição para orientar os alunos a respeito da sexualidade e homossexualidade.

Podemos concluir que o olhar do heterossexual a respeito do homossexual ainda é embasado em certo preconceito, não existe uma total aceitação no convívio diário com uma pessoa que se declare “gay”, a maioria não se importa com a orientação homossexual de outrem, desde que, este viva sua sexualidade fora do convívio dos ditos homens e mulheres “normais”.

O namoro homossexual é outro ponto de crítica para os alunos, pois mesmo os que concordam com uma orientação sexual “fora do padrão”, não aceitam o namoro de homossexuais na escola, lembrando que a pergunta foi “Você concordaria com um namoro homossexual na escola? Por quê? Nenhum ponto da questão se remetia ao beijo homossexual, mas algumas respostas fizeram alusões ao beijo que seria “Não, é nojento” (L, 17 anos), “Sim, mas não se pode ter beijo e nem abraço...” (F, 15 anos), outras respostas como: “Sim, Problema é deles depois eles que vão apanhar dos outros porque tem muita gente que tem preconceito.” (U, 15 anos) deixam bem claro que os alunos percebem o preconceito que ainda existe na escola, mas também expressa indiferença com relação as dificuldades dos homossexuais.

É de incumbência da escola criar condições e estratégias para que alunos homossexuais tenham liberdade de expressão e se sintam seguros no ambiente escolar, sem medo de agressões tanto físicas como morais. Para que isso possa ocorrer, o incentivo de professores e responsáveis é de extrema importância, aulas, palestras e vídeos dialogando sobre a sexualidade e suas diferentes combinações podem ajudar nesta luta de conscientização da diversidade sexual.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1983.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (organizador) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. 1ª ed. Brasília: Unesco, 2009.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. 1ª ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

VIVIANI, Alejandro Luis. **Sexualidade: feminina/masculina/org.** 1ª ed. São Paulo/SP. Experimento, 1996.

MULLER, Wunibald. **Pessoas homossexuais** – 1ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** 7ª ed. Campinas/SP. Papyrus, 2005.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (org). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito a diversidade.** 1ª ed. Londrina/PR.UEL, 2007.

Gênero e Diversidade na Escola: **Formação de Professoras/ES. Em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnicorraciais.** Caderno de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina – O sexismo na escola.** 1ª ed. São Paulo/Sp. Moderna/Unicamp,2003.

FOUCAULT, Michael. **A História da Sexualidade,** V1. 1ª ed. São Paulo/SP. Graal,2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia.** 1ª ed. São Paulo/SP. Autentica, 2001.

WUSTHOF, Roberto. **Descobrimo o Sexo.** 2ªed. Bauru/SP Ática, 1994.

SITES PESQUISADOS

<http://www.sedh.gov.br/brasilem> (Consultado em 07/11/12 às 21:00 horas)

http://www1.direitoshumanos.gov.br/spdca/exploracao_sexual/Acoes_PPCAM/disque_denuncia (Consultado em 07/11/12 às 21:05 horas)

http://www.educacao.te.pt/pais_educadores/index.jsp?p=86&id_art=60 (Consultado 07/11/12 às 20:30)

<http://www.guiadasemana.com.br/evento/turismo/parada-gay-2012-avenida-paulista-07-06-2012> - Parada Gay 2012 (Consultado 07/11/12 às 20:30)

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> - Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio. (Consultado em 7/11/12 às 21:00)

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v23n78/a03v2378.pdf> - A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU: LIMITES E CONTRIBUIÇÕES

CLÁUDIO MARQUES MARTINS NOGUEIRA - MARIA ALICE NOGUEIRA, 2002 (Consultado em 08/11/12 às 17:00)

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde20/rbde20_06_maria_da_graca_jacinto_setton.pdf- Maria da Graça Jacinto Setton (Consultado em 08/11/12 às 17:30)

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf-
Brasil sem Homofobia. (Consultado em 08/11/12 às 18:00)

Programa